



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO FUNDAMENTOS DA EDUCAÇÃO: PRÁTICAS
PEDAGÓGICAS INTERDISCIPLINARES**

MARIA DE LOURDES DE ALMEIDA MACHADO MONTENEGRO ZENAIDE

Educação, Cidadania e Exclusão na Contemporaneidade

JOÃO PESSOA-PB
2014

MARIA DE LOURDES DE ALMEIDA MACHADO MONTENEGRO ZENAIDE

Educação, Cidadania e Exclusão na Contemporaneidade

Monografia apresentada ao Curso de Especialização Fundamentos da Educação: Práticas Pedagógicas Interdisciplinares da Universidade Estadual da Paraíba, em convênio com Escola de Serviço Público do Estado da Paraíba, em cumprimento à exigência para a obtenção do grau de especialista.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Maria de Fátima Ferreira de Araújo

JOÃO PESSOA-PB
2014

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

Z54e Zenaide, Maria de Lourdes de Almeida Machado
Educação, cidadania e exclusão na contemporaneidade
[manuscrito] / Maria de Lourdes de Almeida Machado Zenaide.
- 2014.
48 p.
Digitado.
Monografia (Especialização em fundamentos da educação:
práticas pedagógicas interdisciplinares) - Universidade Estadual
da Paraíba, Pró-Reitoria de Ensino Médio, Técnico e Educação a
Distância, 2014.
"Orientação: Maria de Fátima Ferreira de Araújo,
PROEAD".

1. Educação 2. Cidadania. 3. Exclusão Escolar. I. Título.
21. ed. CDD 370

MARIA DE LOURDES DE ALMEIDA MACHADO MONTENEGRO ZENAIDE

Educação, Cidadania e Exclusão na Contemporaneidade

Monografia apresentada ao Curso de Especialização Fundamentos da Educação Práticas Pedagógicas Interdisciplinares da Universidade Estadual da Paraíba, em convênio com Escola de Serviço Público do Estado da Paraíba, em cumprimento à exigência para a obtenção do grau de especialista.

Aprovada em: 26/04/2014.


Prof.ª Dr.ª Maria de Fátima Ferreira de Araújo/UEPB
Orientadora


Prof. Dr.ª Maria Lindaci Gomes de Souza/UEPB
Examinadora


Prof. Dr.ª Jacqueline Echeverria Baranços/UEPB
Examinadora

DEDICATÓRIA

Ao meu pai (*in memoriam*), pela amizade, carinho e dedicação com que nos proporcionou uma vida digna e saudável. Enquanto viveu procurou nos orientar através de exemplos, nunca com palavras.

À minha mãe pela dedicação e abnegação com que criou e protegeu seus filhos sempre fazendo o melhor e, até hoje, está atenta com o que nos acontece.

E aos meus irmãos e irmã pela infância feliz.

AGRADECIMENTOS

A Deus porque permitiu a dissolução de todos os entraves dos meus caminhos e pelos bons momentos que me proporciona.

Aos meus filhos Ângela, Marina e Abelardo Júnior e, em especial, à Marina pela paciência e dedicação com que me ajudou sempre que precisei.

Ao meu esposo Abelardo Zenaide, pelo companheirismo que me assistiu em todos os momentos que nada podia fazer.

A Francisco Jaime Bezerra, diretor do *Campus V* do curso da UEPB, por sempre nos atender na resolução daquilo que era o melhor para nós.

À Prof.^a Dr.^a Maria de Fátima Ferreira de Araújo pela firmeza na orientação e pela maneira carinhosa com que sempre me incentivou.

A todos os meus professores/as do curso de especialização, pois cada um fez parte da minha construção intelectual.

Aos funcionários da UEPB pelo bom atendimento quando precisamos.

Aos colegas de turma pela alegria da sala e pelos cafés gostosos.

À Conceição e Adeilde, diretoras da Escola Burity, pela amizade e pelo pronto atendimento no que precisei.

Ao colega Vicente pela presteza em ajudar-me.

O homem não é nada além daquilo que a educação faz dele (Immanuel Kant).

RESUMO

Este resumo apresenta o resultado da pesquisa que teve como objetivo detectar os problemas que geram a falta de aprendizagem nos alunos, impedindo-os de se construírem como cidadãos. Definimos como campo de pesquisa a Escola Estadual Professor Luiz Gonzaga Burity. Como público alvo os alunos do Ensino Médio que apresentam dificuldades no aprendizado bem como, aqueles que não demonstram interesse pelos os estudos. Utilizamos como instrumento para a coleta de dados a observação e o questionário. Apresentaremos aqui algumas constatações: 5,9% dos alunos veem os/as professores/as com desdém; 31,92% não tem uma disciplina rígida e, por isso, não estão habituados a obedecer, dando origem a inquietação na sala de aula desviando a atenção dos colegas. Outros ficaram em dúvida em relação aos estudos na atualidade; 29,41% não estão satisfeitos com a escola; o que acarreta revolta e falta de respeito para com todos na escola. Todos querem ter uma profissão, mas 9,8% não demonstraram a vontade de terminar um curso superior, querem uma qualificação para ter uma vida digna para constituir uma família; 74,5% não contam com ajuda doméstica para resolver as tarefas da escola, o que causa desestímulo na medida em que sozinhos não superam as barreiras do aprendizado. São alguns dos posicionamentos que nos apontam a desvalorização do conhecimento que favorece ao exercício da cidadania e evitam a exclusão escolar e social.

PALAVRAS-CHAVE: Educação. Cidadania. Desinteresse.

ABSTRACT

This summary presents the results of research that aimed to detect the problems that imply the lack of learning in students, preventing them to build as citizens . Defined as a research field the State School Professor Luiz Gonzaga Burity. As the target audience of high school students who had learning disabilities as well as those who do not show interest in studies. Used as instrument for data collection and observation and questionnaire. Here we present some findings: 5.9% of the students see/ the teachers/ those with neglect, 31.92 % do not have a rigid discipline and therefore are not accustomed to obey, giving rise to disquiet in the classroom away colleagues' attention. Others were in doubt regarding the studies today; 29.41 % are not satisfied with the school, which causes anger and lack of respect for everyone in the school. Everyone wants to have a profession, but 9.8% did not show the will to finish a degree, a qualification want to have a dignified life to raise a family, 74.5 % do not have domestic help to solve the tasks of the school, what causes discouragement in that alone does not outweigh the barriers of learning. Are some of the placements that point in the devaluation of knowledge which favors the exercise of citizenship and avoid school and social exclusion.

KEYWORDS: Education. Citizenship. Disinterest.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	10
2. CARACTERIZAÇÃO DA E.E.E.F.M. PROF. LUIZ GONZAGA DE A. BURITY	11
3. IDENTIFICAÇÃO.....	14
4. EDUCAÇÃO, CIDADANIA E EXCLUSÃO NA CONTEMPORENEIDADE	16
4.1 A EDUCAÇÃO	16
4.2 A CIDADANIA	24
4.2.1 EDUCAÇÃO E CIDADANIA.....	30
4.3 A EXCLUSÃO	34
5. RESULTADO DA PESQUISA NA ESCOLA E.E.E.F.M. PROF LUIZ GONZAGA DE A. BURITY	37
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS	46
7. REFERÊNCIAS.....	48

1. INTRODUÇÃO

A escola tem um papel fundamental nas sociedades desde as épocas em que os discípulos, na Grécia, ouviam seus mestres, adquiriam ensinamentos embaixo de árvores e refletiam sobre eles contemplando a natureza.

Na contemporaneidade, com o avanço das ciências, tecnologias e com o consumismo desenfreado, a escola abriga a pluralidade de seres e pensamentos. É o ponto de conflitos da sociedade através dos tempos e, em cada época da humanidade, conviveu com suas falhas.

Muitas escolas hoje, principalmente as públicas, não acompanham os avanços tecnológicos, estando longe das expectativas dos educandos que são nativos digitais. A escola oferece igualdade de oportunidades, mas não corrige as desigualdades de condições como mostra Molar. Porém para os que estão aptos a se desenvolverem com suas habilidades para seu próprio progresso, conquistarão ascensões profissional, social e financeira.

Aqueles que por razões outras, bem como, a origem humilde, cercados por familiares com escolaridade insuficiente para acompanhá-los nas suas tarefas diárias, infelizmente, não acompanharão as disciplinas das suas séries. Havendo a defasagem de conhecimento, tornam-se desinteressados, não conseguem acompanhar os estudos e, por isso, se evadem da escola.

Nosso propósito é investigar o que causa esse desinteresse pela educação que gera a falta de cidadania e a exclusão.

2. CARACTERIZAÇÃO DA E.E.E.F.M. PROF. LUIZ GONZAGA DE A. BURITY

Neste documento apresentaremos a caracterização e a identificação da E.E.E.F.M. Professor Luiz Gonzaga de Albuquerque Burity, sua origem, seus professores, alunos e funcionários que se empenham para que possamos ter uma escola de qualidade.

Todos os dados que enriquecerão nossa monografia são cedidos por essa instituição, com o propósito de fazer conhecer a escola onde vamos fazer a pesquisa com os primeiros anos do ensino médio.

Começamos por defini-la com alguns versos de Paulo Freire, do poema A Escola é:

“Escola é

... o lugar que se faz amigos

Não se trata só de prédios, salas, quadros,
Programas, horários, conceitos...
Escola é sobretudo gente
Gente que trabalha, que estuda
Que se alegra, se conhece, se estima”

A escola é a instituição que presta o maior benefício à humanidade, é o lugar onde acontecem as transformações de pessoas que nada sabem em pessoas que, com o tempo, podem transformar o mundo.

A Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Professor Luiz Gonzaga de Albuquerque Burity originou-se com a transferência do Colégio Estadual do Roger, que funcionava no prédio histórico do Mosteiro de São Francisco, para o atual endereço. A escola funcionava nos três turnos com o ensino do 1º grau (atualmente fundamental), com as séries de 5ª a 8ª e a formação de Técnicos Agrícolas, Industriais, Comerciais e Educação para o Lar.

Com o decreto 7.100 de 22 de Outubro de 1976, no Governo do Professor Ivan Bichara Sobreira passou a E.E.E.F.M Prof.º Luiz Gonzaga de Albuquerque Burity, em homenagem ao odontólogo Luiz Gonzaga Burity, dedicado a ensinar, foi professor em várias instituições. Como professor, Luiz Gonzaga orgulhou a Paraíba.

Hoje nossa escola oferece os cursos de Ensino Fundamental e Médio, como mostra o quadro a seguir, nos turnos matutino e vespertino.

Ensino Médio – Manhã			
Séries	Alunos	Alunas	Total de alunos p/série
1°	68	100	168
2°	78	93	171
3°	47	48	95
Total de alunos/as p/turno – 434			

Ensino Fundamental – Tarde			
Séries	Alunos	Alunas	Total de alunos p/série
8° ano	26	12	38
9° ano	18	31	49

Ensino Médio – Tarde			
Séries	Alunos	Alunas	Total de alunos p/série
1°	79	109	188
2°	24	21	45
3°	23	22	45
Total de alunos/as p/turno – 365			
Total de alunos da escola – 799			

Docentes dos Ensinos Fundamental e Médio		
Professores	Professoras	Total de professores efetivos
16	30	46

Equipe Técnica – manhã e tarde	
Pedagogas	02
Psicóloga Educacional	01

Outros Servidores		
	Masculino	Feminino
Secretária Escolar	-	01
Auxiliar de Serviço	03	01
Auxiliar administrativo	-	02
Técnico Administrativo	03	03
Assessor p/Ass. Adm. Geral	-	01
Prestação de Serviço – Docentes e Não Docentes		21

A escola Luiz Gonzaga de Albuquerque Burity abriga durante os turnos da manhã e da tarde 799 alunos/as que criam expectativa de como será o aprendizado, orientado por professores e professoras preocupados/as com o ensino e aprendizagem efetivos. No quadro efetivo da escola constam 46 professores/as, além de outros/as docentes prestadores/as de serviços.

Temos duas pedagogas e uma psicóloga educacional que atendem os alunos/as com problemas, a fim de orientá-los para uma melhor aceitação da vida, de si mesmos e da escola.

Os funcionários/as efetivos/as e os/as prestadores/as de serviço são qualificados e atendem prontamente as necessidades da escola dentro de suas áreas de trabalho para um bom funcionamento dela.

3. IDENTIFICAÇÃO

A E.E.E.F.M Prof. Luiz Gonzaga de Albuquerque Burity situa-se na Av. Monsenhor Walfredo Leal, 440, no bairro de Tambiá, na cidade de João Pessoa. Faz parte do projeto (CEPES (JP3)) desde 2002.

A escola é administrada por uma diretora e dois diretores adjuntos. Os alunos são auxiliados por uma psicóloga educacional e duas pedagogas que se revezam nos turnos. Na atualidade, a escola oferece do 8º ano do Ensino Fundamental ao 3º ano do Ensino Médio.

Nossa escola está localizada numa área urbana. Possui uma estrutura que apresenta condições de bom funcionamento e tem 16 salas de aula, todas com ventiladores, quadro de giz e janelas amplas facilitando a entrada de ar e a claridade, uma diretoria climatizada, secretaria, biblioteca, sala de orientação ao educando (SOE), sala de robótica e laboratório de informática, sala climatizada de professores, sala dos diretores adjuntos, salas de coordenação pedagógica, sala de apoio para atendimento dos projetos, cozinha com refeitório e dispensa, dois vestiários, 23 banheiros, quadra descoberta, uma área coberta para eventos e educação física e uma sala de apoio ao projeto Mais Educação.

A escola se acha relativamente equipada para dar sequência às suas atividades educacionais. Conta com Internet, aparelhos de televisão, vídeo, retroprojektor, data show, aparelhos de som com acessórios e caixas acústicas, máquina fotográfica e filmadora.

Na parte pedagógica temos psicóloga educacional, pedagogas, professores e administradores/as preocupados/as na qualidade do ensino, respaldado na Lei de Diretrizes e Bases (LDB 9394/96) para que possa haver o diálogo, o respeito e a valorização do contato humano, bem como os múltiplos significados do processo de aprendizagem.

Para os portadores de necessidades especiais, a escola possui rampas de acessibilidade em suas dependências.

A clientela escolar é composta por alunos/as com faixa etária acima de onze anos, originários de famílias de baixa renda e escolaridade insuficiente para acompanhá-los nas tarefas escolares, na maioria. Contudo são usuários de aparelhos eletroeletrônicos e têm acesso à Internet.

A maior dificuldade que a escola enfrenta é a relação escola - família porque a população atendida pela escola é de bairros diversificados da região metropolitana de João Pessoa, não residem próximo à escola.

O conselho escolar funciona com as atribuições consultivas e deliberativas a fim de democratizar a gestão e elevar o padrão de qualidade da escola. Esse conselho funciona de acordo com o regimento interno das escolas públicas e de acordo com o Parecer nº 276/00, é composto por nove membros da escola, nomeados através do voto direto da comunidade escolar.

Em 2013, foram concluídas algumas reformas e consertos que solucionaram os problemas elétricos e de esgoto, nesse aspecto funciona muito bem, porém existem alunos que vêm à escola e não querem assistir às aulas e apresentam atitudes bastante desrespeitosas no tratar com professores/as e funcionários/as e, no geral, não apresentam em sala de aula um comportamento compatível com quem quer aprender.

Nossa escola estruturou seu PPP (Projeto Político Pedagógico) há treze anos, é uma ferramenta de planejamento, orientação e construção de diretrizes para a E.E.E.F.M. Prof. Luiz Gonzaga de Albuquerque Burity, como tal, requer que as ações propostas sejam referências para nortear o trabalho desenvolvido por todos os segmentos da Instituição. O PPP deve ser considerado um plano teórico e prático, porque sua elaboração é fruto do processo participativo e da discussão diagnóstica que trabalhou a dimensão da realidade da escola. Para que o PPP atenda as necessidades da escola como um todo, anualmente é reestruturado.

A escola Luiz Gonzaga de A. Burity foi contemplada com o Programa Dinheiro Direto na Escola (PDDE) e com o Plano de Desenvolvimento da Escola (PDE). O PDDE, destinado à merenda escolar, aquisição de materiais de limpeza e de expediente, materiais permanentes, manutenção e pequenos reparos que auxiliam o educador no desenvolvimento pedagógico; e o PDE supre a escola através de recursos financeiros destinados à manutenção e aquisição de materiais didáticos visando a melhoria do desenvolvimento da Educação Básica.

Por ocasião da chegada de dinheiro à escola, tanto do PDDE quanto do PDE, a diretoria faz reuniões com todos: professores/ras, representantes de turma e funcionários/as para priorizar as necessidades nas quais o dinheiro deve ser gasto.

É uma instituição que procura resolver tudo democraticamente, através de reuniões para ouvir as opiniões dos participantes.

4. EDUCAÇÃO, CIDADANIA E EXCLUSÃO NA CONTEMPORANEIDADE

4.1 A EDUCAÇÃO

Segundo Jean-Claude Forquin¹:

"toda educação é sempre educação de alguém por alguém, ela supõe sempre também, necessariamente, a comunicação, a transmissão e a aquisição de alguma coisa: conhecimentos, competências, crenças, hábitos, valores, que constituem o que se chama precisamente de conteúdo da educação"

Isso no sentido restrito ao domínio escolar, no sentido amplo ou no sentido de "educação".

Na atualidade, não vemos nossos alunos como bons aprendizes da educação doméstica e estes não têm a paciência de ouvir. Parece-me inevitável que esse estilo de os alunos se comportarem sentados em um lugar da sala de aula e a cabeça em outro lugar, transforme-se em uma cultura contemporânea, pois segundo Forquin²:

"a cultura considerada como o conjunto dos traços característicos do modo de vida de uma sociedade, de uma comunidade ou de um grupo, aí compreendidos os aspectos que se podem considerar como os mais cotidianos, os mais triviais ou os mais 'inconfessáveis' "

Vemos a escola como um lugar para educar e se esta não for valorizada, onde acontecerá a educação de conhecimento que necessitamos para nos desenvolver e transformar o lugar no qual habitamos em algo agradável e chamativo para uma melhor qualidade de vida.

De acordo com Oliver³:

"A educação é o conjunto dos processos e dos procedimentos que permitem à criança humana chegar ao estado da cultura, a cultura sendo o que distingue o homem do animal".

¹ FOQUIN, Jean-Claude. Escola e Cultura: **as bases sociais e epistemológicas do conhecimento escolar**, tradução de Guacira Lopes Louro. Porto Alegre: Artes Médicas, 1993. p.10.

² Id. ibid . p. 11

³ Apud. FOQUIN, Jean-Claude. Escola e Cultura: **as bases sociais e epistemológicas do conhecimento escolar**, tradução de Guacira Lopes Louro. Porto Alegre: Artes Médicas, 1993. p. 10.

Como vemos criar e educar são processos complexos que se não cumpridos cuidadosamente podem levar uma criança a perder-se nos seus caminhos de aprendizagem e de todas as ações relativas ao ser.

Hannah Arendt⁴ observa: "Com a concepção e o nascimento os pais não deram somente a vida a seus filhos, eles ao mesmo tempo, introduziram-nos em um mundo".

Viver em um mundo é saber situar-se perante esse mundo, viver com conforto e ter habilidades de acordo com o seu projeto de vida. Por isso, é tão difícil escolher por si mesmo. É preciso ter um apoio não só familiar, mas nesse sentido, a escola nos impulsiona nas nossas escolhas de acordo com nossas habilidades, "o papel do educador supõe um imenso respeito pelo passado"⁵.

Sem passado não podemos seguir, o nosso ponto de partida é sempre o passado para podermos aprimorar o futuro. Quando o futuro for passado é sempre passível de aprimoramento. Comungando com a ideia de Arendt, é preciso incutir nos jovens a importância de cada época, pois assim os fazemos sentir como a humanidade, dos primordiais até nossos dias, é igualmente importante. Não existe período de maior ou menor importância, todos nos levam a uma comparação relativa de aprimoramento da humanidade e isso é importante. Segundo Forquin: "a educação realiza a cultura e através do trabalho paciente e continuamente recomeçado de uma 'tradição docente' que a cultura se transmite e se perpetua"⁶.

Então podemos entender como a educação e a cultura estão correlacionados, ter uma implica ter outra.

De acordo com Forquin, toda educação e em especial toda educação "*tipo escolar*" passa por uma seleção e reelaboração dos conteúdos da cultura para serem transmitidos às novas gerações. Nessa seleção partes inteiras de uma herança cultural vão se perdendo, mas vão surgindo novas formas de saber. Nada fica estático, os valores mudam, os interesses se diversificam, surgem elementos novos, por isso que os conteúdos são reestruturados e modernizados para atender aos anseios da sociedade e representar a época em que seus aprendizes vivem. Segundo Forquin: "A escola não ensina senão uma parte extremamente restrita de tudo o que constitui a experiência coletiva, a cultura viva de uma comunidade humana".

⁴ Apud. FOQUIN, Jean-Claude. Escola e Cultura: **as bases sociais e epistemológicas do conhecimento escolar**, tradução de Guacira Lopes Louro. Porto Alegre: Artes Médicas, 1993. p. 13.

⁵ Apud. FOQUIN, Jean-Claude. Escola e Cultura: **as bases sociais e epistemológicas do conhecimento escolar**, tradução de Guacira Lopes Louro. Porto Alegre: Artes Médicas, 1993. p. 13.

⁶ FORQUIN, Jean-Claude. Op. Cit, p. 15.

É impossível que a escola ensine tudo do passado e tudo do presente, apenas retira do passado elementos importantes para que possamos compreender o presente, do presente, aprendemos conteúdos que utilizamos no agora para construir um futuro com cidadãos que pensem para utilizar, no futuro, ações como curar, construir e descobrir para o bem coletivo.

A escola é uma instituição de suma importância para a sociedade, na medida em que esta tem como objetivo primordial a educação para o desenvolvimento dos sujeitos que usufruem dela e a habitam com o exclusivo objetivo de aprender, ter conhecimento e tabular amizades saudáveis que, às vezes, perduram pela vida toda.

Segundo José Carlos Libâneo⁷: "A educação brasileira, pelo menos nos últimos cinquenta anos, tem sido marcada pelas tendências liberais, nas suas formas ora conservadora, ora renovada".

Essas tendências se manifestam nas práticas escolares e na pedagogia de muitos professores involuntariamente. A pedagogia liberal apresenta-se como justificativa do sistema capitalista não tem sentido de "avançado", "democrático" nem "aberto", é uma manifestação própria da sociedade privada dos meios de produção.

A pedagogia liberal está em preparar os indivíduos para os papéis sociais em consonância com suas aptidões individuais. Conforme nos esclarece Libâneo, *in verbis*:

"A ênfase no aspecto cultural esconde a realidade das diferenças de classe, pois embora difundida a ideia de igualdade de oportunidades não leva em conta a desigualdade de condições".⁸

Se levarmos em conta que existe uma escola em cada esquina, não deveríamos ter mais analfabetos no Brasil, porém a escola pública brasileira com todo o avanço e com toda preocupação e comprometimento dos professores em atender bem sua clientela, está longe de ter atingido o seu estado ideal, ainda não desenvolveu métodos para uma demanda de alunos que não acompanha suas séries por várias razões entre elas o desinteresse.

A educação liberal que surgiu com a educação tradicional, evoluiu para pedagogia renovada, denominada também escola nova ou ativa, uma não substituí a outra, elas convivem na prática escolar.

⁷ LIBÂNEO, José Carlos. Democratização da Escola Pública: **A Pedagogia crítico-social dos conteúdos**. 19. Ed. Loyola, 1986. Não paginado.

⁸ Id. *ibid*.

Enquanto na tendência tradicional o aluno deveria se desenvolver por si, na tendência Liberal Renovada também parte da cultura como um desenvolvimento de habilidades individuais em que a educação: "é um processo interno, não externo; ela parte das necessidades e interesses individuais necessários para adaptação ao meio"⁹.

Se o(a) aluno(a) não se adapta ao ambiente escolar com todas as regras e regulamentos, este terá a menor condição de aprendizagem, embora é frequente, alguns alunos não adentrarem às salas de aula. Esse problema é uma prática comum nas escolas públicas, pois existe um proceder antigo, não em moda na atualidade; a disciplina e sem disciplina e sem o reconhecimento do papel do/a professor/a, não se realiza o que há de melhor para "*educar*" no seu sentido de "*educação escolar*", a aprendizagem. Libâneo define a educação assim: "A educação é a vida presente é a parte da própria experiência humana".

Aqueles que vivem numa experiência negativa sem perspectivas para o hoje, não terão aspirações para o futuro. É o desejo que estimula o homem a agir de alguma forma, é o desejo que impulsiona o ser a procurar evoluir para encontrar suas respostas, é o desejo que nos faz crescer, o desejo é bom, então, por que não desejar? Vemos nossos alunos sem aspirações, sem essa "*vida presente*", olhando o vazio e esperando por nada, vê alunos assim, é a parte ruim de educar.

Segundo Paulo Freire "Somente na medida em que nos fizermos íntimos de nossos problemas... e esses problemas quase sempre diferentes é que poderemos apresentar soluções", sendo assim para os professores não será tão difícil investigar e avaliar esses problemas da falta de aprendizagem, pois lidamos com isso cada dia, mas não temos suporte de um órgão educacional para exterminá-los de nossas salas de aula porque segundo Anísio Teixeira:

"não pode ser uma escola imposta pelo centro, mas o produto das condições locais e regionais planejadas, feita e realizada sob medida para a cultura da região, diversificada, assim, nos seus meios e recursos, embora una nos objetivos e aspirações comuns."¹⁰

Todos os educandos das diversas regiões do país, regiões essas que apresentam os mais variados viveres, quer seja no falar, no vestir, nos costumes e/ou no modo do fazer, se diversificam, mas o objetivo de crescer, de ter, de aprender é o mesmo e precisa que os

⁹ Op. cit.

¹⁰ Apud. FREIRE, Paulo. Educação e Atualidade Brasileira. 1. reimpressão, 3. Ed.: São Paulo: Cortez; Instituto Paulo Freire 2003., p. 13.

educadores tenham mais "espaço" para um trabalho personalizado, em suas turmas, que se preste a desenvolver aqueles alunos com problemas de aprendizagem, pois segundo Freire, esses problemas da educação não são soltos, estão contextualizados com a problemática social. Investigar o que existe por trás do desinteresse e, muitas vezes, da agressividade é mais viável do que prosseguir a aula ignorando o que acontece com o(a) aluno(a).

Freire nos mostra que:

"Todo planejamento educacional, para qualquer sociedade tem que responder às marcas e aos valores dessa sociedade. Só assim é que pode funcionar o processo educativo, ora como força estabilizadora, ora como fator de mudança"¹¹.

Se recebermos uma educação fora do contexto no qual vivemos, estamos ineptos a transformar qualquer que seja o aspecto ou objeto que nos incomode porque nada podemos deter para que essa transformação aconteça. É por isso que Freire insiste numa educação planejada a partir da realidade em que se vive, só assim, no ponto de vista de Freire, o processo educativo pode funcionar "ora como força estabilizadora, ora como fator de mudança".

Para mudarmos a nós mesmos e para mudar o que nos cerca, e se precisamos mudar é porque nos incomoda como está; precisamos de conhecimento, sabedoria e saber fazer. Então adquirimos o conhecimento a partir de uma educação bem planejada, a sabedoria se aprimora com o conhecimento e o saber fazer é uma decorrência do conhecimento, este nos propicia as várias possibilidades de nos posicionarmos na vida para refletir e encontrar as falhas do que precisa ser transformado.

Dessa forma podemos concluir que para Freire, o homem brasileiro tem que fazer parte do desenvolvimento quer seja de sua localidade, do seu trabalho ou do seu país para uma democratização efetiva de nossa nação, inclusive, condenando a atitude "assistencializadora", o autoritarismo e a acriticidade do sistema educacional, chamando-os de "inexperiência democrática".

Ademais, o homem não pode cruzar os braços ao desenvolvimento, tem que fazer parte dele, nesse caso teremos o trabalho feito do "*homem com o homem*" e jamais do "*homem para o homem, sem ele*", entendemos que "sem ele" é exatamente sem que este opine, escolha, faça e reflita para o bem de si mesmo e dos outros. Conforme bem nos revela Freire,

¹¹ FREIRE, Paulo. Educação e Atualidade Brasileira. 1. reimpressão, 3. Ed.: São Paulo: Cortez; Instituto Paulo Freire 2003.

"Se há um saber que só se incorpora ao homem experimentalmente, existencialmente, este é o saber democrático"¹².

É o saber da vontade própria no emanar de suas opiniões, quer seja na comunidade em que trabalham ou no seu convívio com diferentes pessoas, com as quais têm que tratar. Assim, a "responsabilidade" é uma das necessidades da alma humana e o "assistencialismo" mina e retira do homem a capacidade da continuidade de sua vida.

Nessa vereda, Vieira Pinto nos mostra que *"o processo de desenvolvimento é função da consciência das massas"*¹³, se viajarmos nessa colocação, todo processo educacional para os filhos daqueles que constituem as massas, deveria ser amplamente discutido e efetivado da melhor forma para o engrandecimento da nossa nação. Só assim, é que atingiremos o ideal no nosso processo educacional para o bem estar de todos os brasileiros. Como decorrência teríamos um "trabalho com o povo e nunca sobre o povo ou simplesmente para ele"¹⁴. Freire garante, pela sua experiência, que um trabalho desse feitio é muito positivo e exemplifica que um operário foi chamado para que através do seu clube recuperasse a instituição na qual trabalhava, o convite foi aceito. O operário "atuou", "resolveu problemas", "sugeriu medidas". "Sentiu-se responsável".

O exemplo que Freire nos relata é transportado e ratificado por outra experiência no processo educacional, inserindo o diálogo da escola com a família dos alunos, experiência que no relatar de Paulo Freire foi vitoriosa porque quanto mais diálogo mais aumenta "os padrões de disciplina, de aprendizagem e de ordem".

Para Paulo Freire é necessário que a democracia e o diálogo andem juntos, pois não existe democracia sem povo e não existe educação sem diálogo. O que precisamos em relação à educação é descentralizá-la, torná-la dentro da realidade dos educandos para que estes possam interferir nos processos de construção da família, da localidade em que vivem ou do país do qual são originários. Analisando o pensamento freiriano, podemos dizer que através de um processo educacional democrático, os educandos atingem a liberdade que vai interferir nos seus planejamentos de vida, de suas escolhas, efetivando seus desejos de melhorar sempre.

Para Freire "a inexperiência democrática é uma herança do nosso período colonial que oprime aqueles que estão em desvantagem de poder". Então nosso sistema educacional é

¹² Id. Ibid. p. 15.

¹³ Apud. FREIRE, Paulo. **Educação e Atualidade Brasileira**. 1. reimpressão, 3. Ed.: São Paulo: Cortez; Instituto Paulo Freire 2003. p.21.

¹⁴ Id. Ibid.

autoritário e não permite que o educando faça escolhas em relação ao que quer aprender, não existe democracia nesse setor, vem pronto e o aluno tem que aprender para seu próprio bem.

Se olharmos, em concordância com Paulo Freire, o processo educacional democrático, podemos achar que educar seria mais fácil, mais aprazível, pois acomodaria melhor a diversidade cultural que existe hoje nas salas de aula.

Os tempos mudaram e mudaram muito, então é justo que o processo educacional mude também para termos alunos(as) mais interessados (as) em aprender e, para nós professores, as salas de aula sejam lugares que nos convidem a permanecer mais que uma aula e que nos provoquem o desejo de retornar no outro dia.

O livro, *Educação e Atualidade Brasileira* foi escrito por Paulo Freire na década de 50, contudo continua atualizado, a escola é autoritária e sofre da "inexperiência democrática", não prega a criticidade que nos leva a optar, isto é, escolher com responsabilidade e recebe o que deve ensinar de um órgão centralizador que não lida com o cotidiano escolar. Não conhece a realidade da escola, e por isso não deveria impor.

No ideário de Paulo Freire e Anísio Teixeira uma escola, assim, não faz desenvolver o cidadão que permanece assistindo tudo sem participar do desenvolvimento de si próprio, que dirá da democracia e do país.

A escola atende a indivíduos de várias culturas, e também canaliza o processo de socialização a esses indivíduos que “aparentemente” têm a mesma “igualdade de oportunidades”, porém a escola que socializa e que deve humanizar não compreendeu que não observar a desigualdade de condições é reafirmá-la, assim sugere os vários autores que lemos e nos fazem refletir os vários processos de educar.

A escola passa os conteúdos impostos pelo currículo, tratando todos com homogeneidade, mas se os educandos não têm a igualdade de condições, por óbvio, existem as lacunas e falhas na aprendizagem, pois muitas vezes, são filhos de pais com escolaridade insuficiente e, por isso, não podem acompanhá-los nas tarefas escolares. Nesse sentido a escola deveria ajudá-los para incorporar a “igualdade de oportunidades”

“Parece claro para todos os autores e correntes da sociologia da educação que o objetivo básico e prioritário da socialização dos alunos/ as na escola é prepará-los para sua incorporação no mundo do trabalho”.¹⁵

¹⁵ SACRISTÁN, J. Gimeno e GOMEZ, A. I. Pérez. **Compreender e transformar o ensino**. Trad. Ernani F. da Fonseca Rosa. 4. ed. Porto Alegre: Artmed, 1998.

Se os jovens têm que substituir os velhos nos vários tipos de trabalho, então os novos devem ser preparados pela escola para assumir com competência e habilidade as vagas deixados pelos trabalhadores, que por vários motivos, tornaram-se inaptos para suas funções laborativas. A segunda função do processo de socialização na escola é a formação do cidadão/dã para a sua intervenção na vida pública que o permitirá agir com ordem e paz, viver com “dinâmica e equilíbrio” e seguir as normas de convivência que compõem o bem estar de uma sociedade.

A sociedade contemporânea é marcada por várias contradições e nela existem aqueles que são preparados para ingressar no mundo capitalista e consumista e tudo converge para a escola, esta vem sobrevivendo e apaziguando essas diferenças tão marcantes que geram a violência. Na atualidade, todos têm um televisor em suas casas, este veicula propagandas que instigam ao consumismo desenfreado, notadamente das novas tecnologias. Quem tem uma boa condição financeira adquire, por exemplo: um aparelho celular de ponta e o leva para a escola. Este passa a ser objeto de cobiça para aqueles que não podem comprá-lo e o querem de qualquer forma e num deslize esse aparelho é furtado formando assim, um conflito que muitas vezes gera violência¹⁶. Quem não pode comprá-lo, quer tê-lo de qualquer forma e num deslize esse aparelho é furtado na escola. Os professores não estão preparados para resolver esse fato, que do interior da escola, se prolonga nas ruas e toma grandes proporções.

É complexo ao mesmo tempo em que é apaixonante vivenciarmos a escola e acompanharmos o crescimento e o desenvolvimento de alguns, mas por outro lado, é desapontador acompanharmos o fracasso da escola na estagnação de outros.

Mesmo com todas essas falhas e fazendo uma reflexão sobre tudo que lemos; compreendemos a escola como uma instituição importantíssima para o desenvolvimento humano, norteando e traçando as linhas de uma educação que dê limite de agir para uma vida toda.

A escola que nos leva a um conhecimento capaz de transformar o ser humano, pode também transformar-se e é nessa metamorfose onde está a esperança de um ideal de educação para todos e para o desenvolvimento do nosso país.

É através dessa educação “bem planejada”, desse “processo de humanização da escola” e das funções de preparar a “incorporação dos alunos/as para o mercado de trabalho” e de “formar o/a cidadão/dã” que vemos os brasileiros adentrarem a uma democracia plena e com a responsabilidade de fazer escolhas certas para gerir a governabilidade da nação.

¹⁶ PEREIRA, Patrícia. *GESTÃO ESCOLA, Furtos na escola*. Disponível em: <<http://revistaescolapublica.uol.com.br/textos/33/furtos-na-escola-290875-1.as>>. Acesso em 24 jan. 2014.

Mesmo a escola fornecendo conhecimento programado e, às vezes, fora do que seus alunos esperam, deve educar para uma vida. Educação que gere educação e, quando isso acontecer, seremos gente feliz, seremos tudo de bom!

4.2 A CIDADANIA

Por observarmos o comportamento dos alunos nas salas de aulas e das pessoas nas ruas ou das massas em alguns eventos públicos, achamos por bem estudar o que nos leva à cidadania.

Vejamos o conceito de cidadania moderno mais aceito, é atribuído ao sociólogo inglês T.H. Marshall (1967) apud Maria das Graças Pinto Coelho, em *Educação em Questão*, esse conceito está dividido em três dimensões:

“A primeira da conta dos direitos civis (direito de propriedade, acesso à justiça, etc...) e foi largamente desenvolvida durante o século 18. O século 19 estabelece a dimensão da cidadania através do desenvolvimento dos direitos políticos na forma do direito ao voto em eleições democráticas e direito à livre associação. Finalmente, no século 20 surge, lado a lado com o Estado Social, direitos que protegem contra a pobreza, o desemprego e más condições de saúde, falta de escolaridade, entre outros.”¹⁷

Todo homem ou mulher deve ter garantia e proteção sobre o que possui e quando insultado(a) ou desfeitoado (a) de alguma maneira, deve ser feito a justiça. Essa é a dimensão civil. Na dimensão política todos devemos fazer parte das escolhas políticas para eleger nossos representantes, quer seja no âmbito municipal, estadual ou federal e assim, podermos participar de processos de muita importância para todos e sermos livres para militar em qualquer associação que preencha nossos ideais de escolhas, enquanto indivíduo. Por fim, na dimensão social poderemos viver com mais dignidade depois termos nosso salário, melhoria de saúde e uma escolaridade que nos permita o melhor desempenho de nossa profissão dentro do que possamos fazer. Para Marshall, esses direitos implicam obrigações e estabelecem uma hierarquia ou um certo “status à cidadania”.

¹⁷ PIRES, João Maria. “**Cidadania: quem dos nossos sonhos...além das nossas lutas.**” *Revista Educação em Questão*, v. 12/13 (jul./dez. 2000 – jan./jun 2001), p. 10-17, jul./dez. 2000 – jan./jun 2001, Natal: EDUFRRN, 2003.

Para João Maria Pires (em *Educação em Questão*, p.11) a noção de cidadania, embora seja muito discutida ainda é pouco conhecida.

Foram os gregos e romanos que deram ao termo cidadania uma dimensão política, pois estes cidadãos se reuniam para “reivindicar participação direta nas decisões econômicas, sociais e culturais da cidade”. De acordo com João Maria Pires “essa noção de cidade ficou esquecida na história e só reapareceu na Idade Média, quando foi denominada de burgo” p.12. Nas civilizações anteriores à medieval, as relações sociais, os conflitos e contradições aconteciam, normalmente, no campo, na agricultura e nos feudos. A retomada do termo “cidadão” veio concomitante com a noção de “Burguês”, os habitantes dos burgos. Por outro lado, com o desenvolvimento do comércio e a estrutura em torno dos burgos retomou a discussão político e social a respeito de cidadania.

Saviani diz que: “... Ser cidadão é participar ativamente da cidade, isto é da polis. Ser cidadão é, pois, agir politicamente, segundo as exigências próprias da vida na cidade”¹⁸.

Podemos observar que o cidadão deve ajudar a melhorar a cidade através de ações que o leve a decidir o que é viável para o bem de todos que nela habitam; e “ser cidadão é agir politicamente segundo exigências próprias da vida na cidade”, é que cada cidadão deve observar a ética, o respeito e a paz de forma que siga o conjunto das regras para o bem- viver, proporcionando a si e aos outros uma convivência prazerosa.

Para lamamoto:

“... a noção de cidadania e da igualdade que lhe acompanha, de igual participação de todos os indivíduos na sociedade, tem, como contrapartida as classes sociais em confronto, que convivem numa relação desigual, tanto econômica quanto política. Uma é condição de existência da outra, embora se neguem mutuamente: A igualdade e a desigualdade, a cidadania e as classes sociais como polos da mesma moeda.”¹⁹

Nos países pobres e nos emergentes ou em desenvolvimento, essa desigualdade é palpável, são pessoas que vagam pelas ruas das cidades sem nenhuma perspectiva de viver, já nem sabem o que existe de bom e nem se algum dia tiveram alegrias. São indivíduos que

¹⁸ Apud. PIRES, João Maria. “**Cidadania: aquém dos nossos sonhos...além das nossas lutas.**” *Revista Educação em Questão*, v. 12/13 (jul./dez. 2000 – jan./jun 2001), p. 10-17, jul./dez. 2000 – jan./jun 2001, Natal: EDUFRRN, 2003.

¹⁹ Apud. PIRES, João Maria. “**Cidadania: aquém dos nossos sonhos...além das nossas lutas.**” *Revista Educação em Questão*, v. 12/13 (jul./dez. 2000 – jan./jun 2001), p. 10-17, jul./dez. 2000 – jan./jun 2001, Natal: EDUFRRN, 2003.

deixaram morrer parte de si e por se entregarem às drogas e ao desespero de não ter nada certo e não conseguir traçar um plano para o outro dia, a mente também encolheu. Falar de cidadania para quem não usou de cidadania para fazer suas escolhas, para quem na sua desigualdade é igual a tantos (as) outros (as), não faz sentido.

Quando passamos pelas ruas das cidades, vemos crianças, jovens e velhos sem nenhum escrúpulo fazendo todo tipo de desordem, então refletimos: tem alguém que não está exercendo a sua cidadania em relação a estes. Por que não o faz? Os sem-teto, os sem-terra, os sem-nada, talvez, não tiveram a chance de escolher seus destinos, mas os poderes que temos em nossas cidades, estados e nações, talvez, e na mesma medida, não tomam para si a responsabilidade dos sem-destino. Para estes que são conscientes e tiveram formações acadêmica e cristã o peso da cidadania é maior e não exercê-la mostra a ingenuidade de governar e demonstra não ter cuidado consigo mesmo.

Falando de desigualdade, grande parte de nossos irmãos nem são notados, parecem que não fazem parte do planeta. De tão ignorados não sabem o que é afeição e nem conseguem sentir o carinho do vento, que assim como eles, só passa. Na sua desigualdade em relação a uns e igualdade em relação aos próximos, vão vivendo atordoados, esquecendo de pensar e nem desejam nada porque não sabem fazê-lo.

Quando pensarmos em cidadania, é muito bom pensar a nossa cidadania. Será que sou cidadão(ã)?

Se refletirmos sobre a cidadania no Brasil, fazemos a mesma pergunta que Couver (1986) apud João Maria Pires, (E. em Q. p.15) “que cidadão é este, que não tem casa, comida, escola, saúde, gestão da coisa pública?” Como podemos ver, o Brasil tem uma grande dívida social para com a maioria dos seus filhos e é inegável que uma nação que não cuida bem da sua infância e juventude será vítima de seu próprio descaso. Então nós vemos nos nossos noticiários a marginalidade crescente e, agindo de cara limpa, em pleno dia, matando por matar e quando menores nem ficam presos. De quem é a falha? Do descaso do poder ou do poder que não sabe fazer cidadãos(ãs) os seus filhos(as)?

Nas periferias das cidades vendo o quanto a pobreza é desrespeitada nos seus direitos é que encontramos as respostas. O que está sendo feito pela população é muito pouco em relação às suas necessidades, a carência é tanta que não pode ser priorizada, não existe uma necessidade premente, pois todas as são, não existe cidadania, apenas agonia.

Em todas as épocas da humanidade sempre existiu a força e a frouxidão, o opressor e o oprimido, o lobo e o cordeiro; aquele que na sua ânsia de ter mais, de mostrar-se poderoso, de

ser o rei do pedaço, machuca o outro, sobrepuja e o oprimido se anula e nem pensa em se safar.

No entender de João Maria Pires: “Cidadania configura-se pois, num conceito e numa práxis que ainda está aquém dos nossos sonhos, do que desejamos e entendemos como justiça humana e social”²⁰

Quando os governantes deixam de exercer a cidadania, negando a responsabilidade que lhes é, naturalmente, imposta pelo cargo, por ser o representante legítimo do povo (ricos e pobres), e por não serem cidadãos, tolhem a liberdade de outrem.

Achamos inadmissível que um governante de qualquer esfera negue ao cidadão o seu direito à cidadania, quando libera ações que não desenvolvem o caráter humano do indivíduo e nas propagandas político-partidárias, pousa de “bom moço” com discursos demagógicos, levando exatamente, aquele que por não ser cidadão, é passivo de enganar-se e novamente fazer as escolhas que estagnem o desenvolvimento.

Existe na constituição brasileira o seguinte dizer: “Todos são iguais perante a lei”, se refletirmos sobre esse belíssimo pensamento e, quando de pensamento passar a fato, seremos uma grande e invejável nação.

Vivemos aberrantes contradições quando falamos de igualdade, de justiça e de cidadania, pois para que elas existam é necessária à justiça social, escola moderna e bem equipada para todos os alunos filhos de pais empregados, lutando para dar o melhor a seus filhos moradia para todos, professores bem treinados, conhecedores do sentido de educar para cidadania.

Para João Maria Pires é difícil obter uma precisão conceitual do que seja cidadania, porque a cada discursão sobre o assunto, novos elementos vão sendo acrescentados, dificultando um conceito exato.

“... Assim colocamo-nos entre aqueles que buscam uma melhor compreensão conceitual para o termo “cidadania”, investigando, discutindo e aprofundando essa compreensão a partir de elemento político e social intrínseco em nossos direitos e deveres, os quais constituem e delimitam o contexto de apreensão e aplicação dos princípios que regem o pleno exercício da cidadania”²¹

²⁰ PIRES, João Maria. Op., cit., p. 15.

²¹ PIRES, João Maria. Op., cit., p. 11.

Acreditamos que em meio à miséria que assola certas regiões do Brasil e as periferias das cidades fique difícil distinguir o que é direito e o que é dever, pois o próprio Estado não exemplifica o que é ter dever, este em algumas regiões do Brasil acolhe representantes do povo, que nada fazem pelo povo, ostentam através de suas mansões, carros importados, fazendas luxuosas e outros tantos bens de consumo, a leviandade com que tratam a coisa pública e os miseráveis. Eles mesmos só têm direitos, então por que os pobres devem saber o que é dever?

A necessidade é algo que a ninguém faz bem, não desenvolve e tolhe a mente a ponto de não se saber traçar uma fronteira entre o direito e o dever. Assim podemos entender a complexa conceituação de “cidadania”.

Uma observação de Pires, op.cit.p.17:

“... Devemos continuar com nossa visão crítica e buscar compreender a dimensão de ser social, político, econômico e social que somos não esperando não aceitando de modo passivo uma carga ideológica de ideias maquiavelicamente construídas com a finalidade de imprimir uma nova roupagem de um velho modelo de servidão”. (P.15 Joao Maria Pires)

A causa de existirem indivíduos que não atingiram o seu estado de cidadania nos dias de hoje, século 21, é porque existe uma ideologia de perpetuar o problema, vestindo-lhe “nova roupagem” para esconder esse maquiavelismo de atitude, pois há séculos existe a servidão. Quando se emprega alguém na sua casa e não dá condições de acomodação e de trabalho, parece-nos que temos dois indivíduos que não exercem suas cidadanias, o empregador que deve ser escolarizado tem mais conhecimento e exerce mais autoridade sobre o seu servil que tem condição social inferiorizada pela falta de educação escolar, financeira e, por isso, a social, e não pode exercer sua cidadania porque nem sabe o que é isso.

Em relação ao exercício da cidadania a humanidade está vivendo em círculos, pois entra século e sai século e nós estamos no mesmo lugar, vivendo praticamente as mesmas situações, sem empenho e sem vontade para resolver esse grave problema da imposição de uns sobre os outros sem ponderar as responsabilidades. Precisamos refletir, quando vemos o outro numa situação de risco, de desumanidade, de desmando, enfim de ser sub-humano, devemos não achar que é normal, é essa normalidade que nos faz não exercermos nossa cidadania. João Maria Pires diz que:

“(…) Embora nossa cidadania seja algo apenas caricato e que se encontra ainda aquém do que sonhamos, ela não deve chegar até nós como algo outorgado por outro.”²²

Partindo do princípio que em nosso país, por algum tempo, haverá os que mandam e os que obedecem de alguma forma, quer seja em trabalhos das instituições públicas ou privadas, a falta de cidadania ou a imposição desta perdurará por algum tempo.

²² PIRES, João Maria. Op., cit., p. 17.

4.2.1 EDUCAÇÃO E CIDADANIA

O conceito de educação é muito mais abrangente que educação escolar, mas nesse momento, queremos optar pelo sentido de educação escolar, por acharmos que os discursos oficiais das políticas públicas e dos sistemas educacionais formais, são enfatizados pela articulação entre educação e cidadania. Porém existem outros espaços que podem agir com mais eficácia na educação para a cidadania.

Como na antiga Grécia citada anteriormente, cidadania se referia ao direito de todos participarem das decisões que melhor pudessem atender ao bem comum, então o poder social era compartilhado por todos. “Ser cidadão não é somente gozar de direitos políticos. É assumir a dimensão do ser humano e participar da sociedade ativamente”.²³

Como fazer isso se, grande parte da humanidade, tem suas necessidades básicas insuficientemente satisfeitas. Se olharmos alguns lugares das periferias urbanas, entendemos que alguns apenas sobrevivem e não atuam na vida política da cidade, são humanos que se comparam a sua espécie, só isso. Para Delor:

“A educação para a cidadania constitui um conjunto complexo que abraça, ao mesmo tempo, a adesão a valores, a aquisição de conhecimentos e a aprendizagem de práticas na vida pública. Não pode, pois ser considerado como neutra do ponto de vista ideológico.”²⁴

Refletindo sobre essa colocação de Delor podemos concordar que “educar para cidadania” é um conjunto complexo mesmo. Imaginemos uma sala de aula composta por quarenta alunos de cor, raça e credo diferentes. E o/a professor/a usando de didática na sua disciplina para que todos possam entender sua aula, de modo a convergir para onde o/a professor/a quer chegar. Cada aluno, no seio familiar, aprendeu um determinado valor para orientar-se pela vida à fora. Então convergir valores diversificados para um ponto, requer habilidade, conhecimento e muitos argumentos. Esses alunos estão num processo de aprendizagem não só de conhecimento, mas de descobertas para vida pública e têm que formar uma ideologia para a realização de seus anseios. Mas do que antes os/as professores/as vivenciam essa complexidade, porque a sala de aula é um ambiente vivo e vive as mudanças

²³ COSTA, Giovânia. Cidadania: **Educação, cidadania, exclusão**. Disponível em: <<http://www.educacaopublica.rj.gov.br/biblioteca/cidadania/0065.html>>. Acesso em: 2 fev. 2014

²⁴ Apud. COSTA, Giovânia. Cidadania: **Educação, cidadania, exclusão**. Disponível em: <<http://www.educacaopublica.rj.gov.br/biblioteca/cidadania/0065.html>>. Acesso em: 2 fev. 2014

que se apresentam na sociedade do qual são representantes. O conhecimento deve corresponder dentro de suas habilidades afins.

A educação é um meio de construir e reconstruir, transformar e libertar para humanizar. Toda criança educada nesse ideal de transformação, responsabilidade e liberdade de agir, será naturalmente cidadão em exercício de sua cidadania. Como a educação é a formação do ser humano, deve ser concebida no processo da realidade humana para que possa ser viável e contextualizada.

“É preciso plantar a semente da educação para colher o fruto da cidadania” (Paulo Freire), mas esta cidadania só atingirá essa plenitude mediante as condições materiais de vida dos cidadãos. Vivemos numa sociedade capitalista e como a desigualdade é inerente a “lógica do capital” jamais poderá haver cidadania para todos. Na visão Roberto Carlos Simões Galvão, a escola não transforma o sistema porque é parte dele, segundo os teóricos marxistas a cidadania é o acesso a todos os bens produzidos pela sociedade, sejam eles materiais, culturais, etc.

Cidadania é o conjunto de todas essas colocações a respeito do assunto, pois no mundo capitalista, só com o capital é que teremos ingresso ao consumismo e podemos nos proporcionar certos acessos: aos planos de saúde, à boa alimentação, a escolas mais bem equipadas com novas tecnologias para nossos filhos, enfim ficaremos mais informados para o exercício da cidadania.

Kneller conceitua educação da seguinte forma:

“Educação é o processo pelo qual a sociedade por intermédio de escolas, colégios, universidades e outras instituições, deliberadamente transmitem sua herança cultural – seus conhecimentos valores e dotes acumulados de uma geração para outra.”²⁵

Como vemos, o que a escola deixa de uma geração para outra são legados relativos a ela mesma, porque diante do complexo sistema político-financeiro injusto quase nada pode ser feito para transformar o sistema do qual ela mesma faz parte. Mas pode a escola transformar pensamentos reiterar posições e disseminar atitudes que levem à transformação de gerações. Arroyo nos proporciona uma reflexão através desse texto:

²⁵ GALVÃO, Roberto Carlos Simões. **Cidadania e Educação no Brasil**. Disponível em: <http://www.his tedbr.fae.unicamp.br/revista/edicoes/21/art15_21.pdf>. Acesso em: 27. Jan. 2014.

“essa gente comum esteve e está mais presente na história de sua constituição como cidadão do que a história oficial nos mostrou, e ao mesmo tempo, a gente comum está mais ausente da cena política do que gostaríamos que estivesse. Mas isso se deve menos a instrução que lhe foi negada do que às estruturas sociais que estão na base dos acontecimentos políticos, às condições materiais de existência a quem são submetidas e à violência do que são reprimidos nas praças, nas associações, nas relações de trabalho.”²⁶

Relata-nos uma visão da realidade, quando o povo protesta aspirando a transformações sociais, logo ocorre a repressão social enviada pelo Estado, tolhendo a liberdade do cidadão em protestar. Porque no pensamento de Roberto Carlos S. Galvão, “a participação popular se dá nas ruas, não nas escolas”.

Achamos que para ser contrário ao sistema, temos que pensar e fazer nossas ponderações e isso, a escola através de seus ensinamentos nos leva a fazê-los. Não temos no que pensar se não tivermos o conhecimento e só este nos induz a posições acertadas. Entendemos que para desaparecer a miséria é necessário uma melhor distribuição de riqueza e renda e é necessário educar.

É o momento de refletirmos tudo que lemos e nessa reflexão entender a complexidade do termo “cidadania”. A cidadania engloba as dimensões civil, política e social que o conceito moderno de Marshal explica; ser cidadão é fazer parte da vida da cidade é agir politicamente (Saviane, 1986); ser cidadão é ser igual (Iamamoto, 1983). Todas as colocações nos revelam que ser cidadão engloba uma enorme quantidade de atitudes e ações que dependem de vários setores. Para sermos cidadãos devemos passar por inúmeros procedimentos alheios a nossa vontade, mas que direcionam a nossa vontade em querer, em desejar, em conseguir. Ser cidadão também é como os teóricos marxistas entendem: “cidadania representa o acesso pleno a todos os bens produzidos pela sociedade”, pois aqueles que não têm suas necessidades básicas satisfeitas a contento não podem exercer a cidadania.

Continuamos a acreditar que através da educação comprometida com a realidade é que pode haver um desenvolvimento humano que possibilite absorver o intrincado significado de “cidadania”.

Sabemos que a escola em si, não pode mudar o sistema, mas as escolas sobrevivem há séculos, não mudam o sistema, mudam o pensamento de pessoas que serão lançadas ao sistema e que poderão mudá-lo. Se a escola pode transformar pessoas é claro que ela pode

²⁶ Apud. GALVÃO, Roberto Carlos Simões. **Cidadania e Educação no Brasil**. Disponível em: <http://www.histedbr.fae.unicamp.br/revista/edicoes/21/art15_21.pdf>. Acesso em: 27. Jan. 2014.

mudar o mundo, pois em cada geração a sociedade se transforma, é na escola que se observa o emaranhado de diversidade, cada um mostrando como se situa num ambiente de múltiplas culturas. A cidadania também é absorvida no culturalismo, nas tradições que passam de geração em geração e em outras maneiras de fazer determinadas ações.

Nos quatro pilares indicados para a educação: ““(…) aprender a conhecer, aprender a fazer, aprender a ser, aprender a fazer juntos” é que está uma nova forma de fazer uma educação que possibilite ao educando atitudes, ações e uma postura correta para ser cidadão.

Para cada individuo que compreende de forma diferente o que está ao seu redor, deverá também existir um modo peculiar de exercer a cidadania, pois de acordo com o que lemos a cidadania não pode ser imposta nem pelo sistema, nem pelas instituições, quaisquer que sejam elas.

Acreditamos assim, como Paulo Freire, que a ““(…) educação bem planejada e a educação democrática” são uma forma de desenvolverem e engrandecerem uma nação, então: “É preciso plantar a semente da educação para colher os frutos da cidadania”. (Paulo Freire)

4.3 A EXCLUSÃO

Temos observado ao longo da vida e nos vários lugares que frequentamos, indivíduos que se integram ao seu espaço e outros que dão voltas com a cabeça baixa e que não conseguem nos olhar, porque se sentem inferiores e têm vergonha de si mesmos.

Assistindo às novelas de época e a filmes antigos, ainda temos a sensação que o século é atual, pois vemos a mesma imposição dos senhores sobre os subalternos, dos fortes sobre os fracos, acredite, isso não terá fim.

A exclusão social teve início na Europa, por causa do crescimento do número dos sem-teto e da pobreza urbana, dos desempregados, por falta de renda por parte, das minorias étnicas e imigrantes e, também pela dificuldade de os jovens ingressarem no mercado de trabalho. Na França, na década de 60 surgiu o termo “exclusão”, mas também exclusão significava apenas “exclusão material”. Não podemos atribuir só ao aspecto econômico a questão dos excluídos. Esse problema político só poderá apresentar soluções quando todos tivermos consciência de que somos iguais e devemos ter as mesmas possibilidades.

No Brasil, a exclusão social teve seu início com o Brasil Colônia “em função de uma estrutura escravocrata”.²⁷ Porém, esse assunto exclusão social, só ganhou enfoque no país na década de 70 e era diretamente relacionada à economia crescente, originária do período ditatorial brasileiro.

Até hoje essa discrepância em relação à economia brasileira, não foi corrigida. Temos em nosso país poucos que detêm grandes riquezas e muitos numa miséria absoluta.

“No Brasil, em comparação com todos os países dos quais se têm estatísticas, essa desproporção atinge os níveis mais alarmantes, já que é hoje o país com os maiores índices de desigualdade, segundo a UNESCO”. Os 10% detêm mais de 46% da renda nacional, enquanto os 50% mais pobres detêm somente 14% da renda do país”.²⁸

Em decorrência dessa má distribuição de riqueza e renda, temos certeza de que por ocasião do nascimento, aqueles que vivem nessa faixa de pobreza nascem excluídos desde a primeira alimentação. É preocupante saber que boa parte dos nossos irmãos está às margens de algo como a miséria que acarreta uma série de outros riscos. Muitas vezes, tornam-se

²⁷ **Exclusão Social**. Disponível em: <<http://prof-pat.blogspot.com.br/2009/06/exclusao-social.html>>. Acesso em: 29. Jan. 2014.

²⁸ **Exclusão Social**. Id. Ibid.

traficantes, ladrões, estupradores ou assassinos cruéis. Vem junto com a miséria, o crescimento da criminalidade, não só com desconhecidos, mas no seio da sua própria família.

Antes de entrarem nas escolas públicas do país, a criança já tem sofrido uma série de privações, de abusos e de desrespeito, estando em desvantagem, chegam à escola sem vontade, desanimados, sentindo-se em condição de desigualdade.

“O excluído não é apenas aquele que se encontra em situação de carência material, mas aquele que não é reconhecido como sujeito, estigmatizado considerado nefasto ou perigoso à sociedade”.²⁹

Nos dias atuais, é bastante difícil para grande parte das pessoas, se encontrarem com certos indivíduos sem estigmatizá-los, pois o aspecto deles faz aflorar uma insegurança. Achamos que é um delinquente e que já vai assaltar. Vivemos um momento de temor, pois a falta de escolaridade e de emprego juntamente, com o apelo ao consumismo vêm, gerando altos índices de criminalidade e, aqueles indivíduos que têm uma vida bem programada financeiramente e possui bens que estão amostra para aqueles que os desejam, serão presas fáceis.

Observando esse aspecto financeiro que gera a desigualdade social, podemos compreender que na escola, essa desigualdade perdura, pois ainda hoje não possui mecanismos para atender aqueles que apresentam baixa aprendizagem. Estes ficam nas salas de aula, vão levando da forma que querem e com o tempo se cansam e se evadem, pois: “os alunos decidem não mais fazer o jogo, não mais participar de uma competição na qual eles não têm nenhuma chance de ganhar”.³⁰

Ainda hoje, o importante para a escola são os alunos que têm bom aproveitamento e que por terem melhor poder econômico são mais interessados em aprender, pois desejam e têm projeto de vida.

De acordo com François Dubet, a escola mudou, basta que observemos as transformações do vocabulário dos alunos.

Entendemos que a “exclusão” social e escolar é um emaranhado complexo de descasos dos governantes para com aqueles que, aparentemente não contam e são presas fáceis para serem enganados durante as campanhas políticas. Dos políticos, a cada quatro ou seis anos, recebem um sorriso, um abraço e muitas promessas que dificilmente serão cumpridas,

²⁹ HAMZÉ, Amélia. **Os Dois Brasis e a Exclusão Social**. Disponível em: <<http://educador.brasilecola.com/trabalho-docente/dois-brasis-exclusao-social.html>>. Acesso em: 29. Jan. 2014.

³⁰ DUBET, François. **A escola e a Exclusão**. Trad. Neide Luzia de Rezende. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/cp/n119/n119a02.pdf>>. Acesso em: 2. fev. 2014.

sentem-se prestigiados naquele momento, votam e nada muda. Quanto à escola, esta convive com todos os conflitos que a transformação das gerações e as grandes descobertas científicas e tecnológicas causam, sem contar a convivência com o multiculturalismo e com alunos que são fruto das histórias de vida sofridas ou não, mas histórias que cada um quer contar através de um olhar, de um comportamento irreverente ou um pedido de socorro. A escola sobrevive com todas as falhas que tem, falhas essas impostas pelo sistema. Esperamos que indivíduos, refletindo sobre os ensinamentos da escola, depois de lançados ao sistema, modifique este em algo que efetivamente transforme os menos favorecidos em seres humanos produtivos e que se sintam valorizados; e façam valer a escola.

5. RESULTADO DA PESQUISA NA ESCOLA E.E.E.F.M. PROF. LUIZ GONZAGA DE A. BURITY

Nosso país é formado por várias etnias. Somos pessoas que pensamos e queremos coisas diferentes e, outras tantas vezes, não temos ainda uma opinião formada sobre o que queremos, e por isso, tantas vezes não podemos responder certos questionamentos. Por termos um país multicultural temos anseios variados e as respostas que nossos alunos deram ao questionário são bastante diversificadas como esperávamos. A diversidade de pessoas que frequentam a escola reflete em colocações e interesses também diversificados e quando têm os mesmos anseios não são pelas mesmas razões. No poema, Paulo Freire nos mostra que “escola é gente” e em sendo gente, cada um, procura fazer sempre a seu modo de acordo com o que aprendeu no seio da sua família, exercitando uma cultura peculiar. Nas salas de aula percebemos o choque que, muitas vezes, uns alunos têm com os outros, quando entre eles, uns querem impor o seu modo de fazer algo e o outro não o aceita de forma alguma.

Queremos mostrar que nesse momento podemos levá-los a compreender a riqueza cultural do Brasil, cada pessoa oriunda de um mesmo grupo tem uma maneira própria de executar essa ou aquela tarefa, fazendo com que numa sala de aula, todos possam demonstrar o seu modo de executar as tarefas e deverá existir uma maneira de executar algo que seja mais prática, mais fácil e mais rápida. Desse modo poderemos fazê-los concluir que o conhecimento pode transformar certos problemas em soluções.

Nossas salas de aulas das primeiras séries do Ensino Médio da E.E.E.F.M. Prof. Luiz Gonzaga de Albuquerque Burity estão dentro da faixa etária, pois apresenta 23,53% de alunos com 14 anos, 39,22% para alunos de 15 anos, 31,37% para os alunos de 16 anos, para os alunos de 17 anos temos um percentual de 3,92% e para 13 anos temos 1,96%.

Para um universo de 168 alunos a nossa amostra de 30% equivale a 50,4 alunos, sendo arredondada para 51 alunos.

Esses alunos tão jovens, adquirindo uma formação de conhecimento incipiente sem ter condições de arranjar um emprego digno para constituir uma família, porque não trabalham, são dependentes dos seus genitores, que são trabalhadores de baixa renda, se declararam casados o percentual é de 5,88% dos alunos. A maioria 45,1% dos alunos são solteiros, 21,57% marcaram todas as respostas para esta questão, 11,76% dos alunos não responderam, 13,73% responderam sim para solteiro, casado(a); 1,96 declarou-se namorando. Os alunos que não responderam se trabalham correspondem a 15,69%, não trabalham efetivamente 72,55% dos alunos.

Quanto à questão se os alunos já repetiram a série, 45,51% dos alunos não repetiram mas, 49,02% repetiram dos seguinte modo: 2 alunos repetiram a 4ª série, 1 aluno repetiu a 5ª série, 2 alunos repetiram a 6ª, 4 alunos repetiram a 7ª série, 3 alunos repetiram a 8ª série, 2 alunos repetiram o 9º ano, 11 alunos repetiram a 1ª série do Ensino Médio, 1,96% não se lembra se repetiu e 3,92% não respondeu.

Os alunos relutam muito em repetir a série, pois não aceitam reprovação mesmo quando não são assíduos na escola. Ao final de cada bimestre fazem a maior questão de ter notas no diário escolar, pois acham que os professores(as) devem passar três trabalhos, isso na linguagem deles e na forma de eles perceberem como se deve obter as notas que os fará passar de ano, contudo não entendem que a nota é uma consequência do aprendizado de modo geral. É tão difícil fazer algo por esses alunos, porque não tem frequência, aparecem na semana das provas porque os colegas avisam, realmente não tem compromisso com a escola. O que será desses alunos que confundem o dever com o direito, gerando problemas e sem ter noção do que seja aprendizagem?

Os que gostam de estudar são a maioria segundo as respostas deles, o equivalente a 86,27% dos alunos. Esse resultado nos surpreendeu e nos faz refletir sobre o trabalho que os inspetores de alunos têm para mantê-los nas salas de aulas. Concordamos que eles gostem da escola para fazer um ciclo de amizade coesa e entabular seus encontros para fora da escola.

Na atualidade, precisamos descobrir, com urgência, o que vai fazer com que os alunos sintem e olhem para o/a professor/a para ouvi-lo/a e fazer perguntas coerentes com o assunto estudado numa comunhão de ensino e aprendizagem. O restante, 13,73% dos alunos se sente obrigados a ir à escola, são aqueles que ficam apáticos na sala de aula ou não se adequam nem às regras nem às ordens, tornando a convivência na escola, pouco proveitosa para eles, e por essa razão passam dias sem frequentar as aulas, vêm quando querem sem compromisso, sem ouvir ninguém.

Sabemos que alguns de nossos alunos que vêm à escola, já têm sofrido vários tipos de abuso em suas casas e se tornam revoltados. Os alunos como esses, deveriam ter um acompanhamento mais específico, são eles que nos preocupam, pois já não têm mais esperanças e precisam ver a luz no fim do túnel.

Muitos alunos vão à escola interessados em aprender, mas as dificuldades vão se acentuando no decorrer da série, porque as dúvidas se acumulam e em suas casas, estes não são acompanhados pelos familiares que não têm escolaridade suficiente para orientá-los nas tarefas escolares. Na nossa pesquisa 74,5% não têm nenhuma ajuda doméstica para resolver suas tarefas da escola, o que é um percentual muito elevado. Esses alunos ficam desassistidos

nas suas casas, chegando à escola mantêm-se na mesma situação, pois a escola não dispõe de professores para fazer um trabalho diferenciado para estes que estão em dificuldade de acompanhar as disciplinas em suas respectivas séries. Outros 25,5% declararam que são acompanhados pela mãe, pelo pai, pelo avô, pelo irmão, irmã ou primo que são de séries mais adiantadas que eles. Para quem não pode contar com ajuda para tirar as dúvidas referentes às tarefas escolares, com o tempo, vai ficando insuperável a defasagem de conhecimento, daí vem o desestímulo e a determinação em ficar na escola porque é um ambiente alegre, favorável a se fazer amizades, a namorar, a praticar esportes e participar dos eventos da escola, daí porque os alunos vão levando a escola sem compromisso, usufruindo da parte lúdica que esta oferece. Sem a escola estes alunos ficariam perdidos e sabem que quem não estuda, inevitavelmente, terá de trabalhar, o que não será fácil para eles, pois não adquiriram grau de instrução para ter um emprego qualificado e, assim, seguem sua vida.

Perguntamos sobre as disciplinas que os alunos mais gostam 19,6% responderam de forma diversificada, um aluno para cada resposta e 80,4% assim: 17,65% gostam de Português, 15,69% responderam Matemática, 13,73% preferem Geografia, 3,92% preferiram Inglês e Sociologia, 5,9% gostam de Artes, Ed. Física e História foram da preferência de 9,8% cada uma. As respostas foram bastante diversificadas porque alguns temos maior facilidade para uma ou algumas disciplinas, nos afinamos sempre com o que gostamos de fazer, desse modo todas as disciplinas foram escolhidas com maior ou menor percentagem de escolha. Apenas um aluno respondeu desatenciosamente quando disse que a sua preferência é a 7ª série.

Os alunos preferem estar calmos para uma melhor aprendizagem, esta é análise que podemos apresentar, pois o percentual de 70,59% dos alunos que assim responderam nos mostram um posicionamento correto para quem quer aprender e 29,41% disseram que aprendiam melhor ouvindo música com fones de ouvido. Achamos pertinente essa pergunta, partindo da observação de nossas salas de aulas, compostas por alunos usando fones de ouvidos e fazendo menção de quem dança as músicas, pela forma como se comportam. Se fizermos alguma pergunta a esses alunos, eles não escutam ou fingem não escutar, o que constitui um sério e grave problema nas salas de aulas. São esses que tornam ensinar um ato quase impossível, são sempre reclamados porque estão sempre em evidência e até os colegas também pedem que se comportem com mais coerência e respeitem os/as professores/as.

A despeito do que falamos sobre esse comportamento irreverente nas salas de aulas, ficamos felizes com as respostas da questão: Como você vê o professor? A grande maioria respondeu satisfatoriamente ao professor dentro de uma variedade de respostas já esperadas.

A percentagem de 9,8% vê o/a professor/a como educador/a, 13,73% acham os professores legais, 3,92% acha-nos bons professores e que o professor é um exemplo para cada resposta, ótima pessoa, como ajudante e amigo são as respostas de 5,9% dos alunos para cada opção e 7,84% acham que os professores são mestres. A percentagem de 43,09 deu respostas diversificadas demais, por exemplo: Os professores são experientes em certos assuntos; como pessoas que ensina bem e ensinam coisas novas; explicam tudo direitinho; como um ajudante; como uma necessidade; normal; vê o professor como um professor; como uma pessoa para tirar dúvidas; o professor é visto como uma pessoa que sente prazer em ensinar; enfim como uma pessoa que merece respeito. Vejamos como alguns alunos responderam a pergunta em questão:

“Uma pessoa experiente em certo assunto”; “vejo eles ensinarem bem e sempre nós (sic) ensinam coisas novas”; Bem humorado legal explica tudo bem direitinho”, é alguém muito agradável. E me ajuda muito”; “O professor é uma necessidade todos os dias para ensinar e aprender.”; “normal”; “Como professor nada mais.”; “uma pessoa que possa tirar minhas dúvidas.”; “Vejo ele como pessoa que tem prazer em ensinar aos seus alunos”; “uma pessoa que merece respeito.”

Poucos alunos num percentual de 5,9% vê o professor de forma irreverente, vejamos como dois deles responderam o mesmo questionamento: “Com meus olhos em sala de aula”; “Feio, careca, doido”; “As vezes muito estressado”.

Desse modo ficamos tristes, pois em pleno século XXI somos assim avaliados, como um mal, com desprestígio e sem nenhum respeito, e mais tristes porque sabemos que para estes restam poucas esperanças, é o reflexo de quem enfrenta as durezas da vida moderna e hodierna com poucos recursos, muitos sonhos e desesperançosos.

Felizmente existem os alunos que acham o professor: uma pessoa muito agradável e que os ajudam muito; uma pessoa muito importante para o futuro deles; o professor é uma pessoa para ajudá-los a ser alguém na vida, conforme podemos depreender das seguintes afirmações transcritas abaixo: “é alguém muito agradável, e me ajuda muito”; “Uma pessoa muito importante para o meu futuro”.

É bom saber que temos ainda essa importância toda para alunos que sabem o que querem e que reconhecem que o professor é de importância vital para orientá-los para o futuro e este para eles começa agora.

O que mantem o professor indo a cada dia à escola é o reconhecimento de nossos alunos, o carinho que eles externam em certos momentos e até o abraço carinhoso que nos dão. São expressões raras de sentimento, mas elas ainda existem.

A maioria dos alunos 59,98% afirma ter uma disciplina rígida em suas casas, porém 31,92% responderam que a disciplina não é cobrada, 11,76% responderam que em suas casas a disciplina é mais ou menos, 1,96% acha que em casa a disciplina é normal e 3,92% não responderam.

Consideramos alto o percentual daqueles que em suas casas não recebem a noção do que seja disciplina, pois junto com esta vêm noções de outros posicionamentos que devemos ter diante de outras pessoas e pela vida toda. O respeito, a ética, a educação doméstica, o valor humano e outros valores que devem ser repassados de geração a geração para que possamos viver bem conosco e com nossos semelhantes em sociedade. A falta desses direcionamentos da vida humana vai gerar a desumanidade característica da “desordem” da pós-modernidade.

O que vemos na atualidade é o descaso com que os alunos agem nas salas de aulas, pois além da diversidade de cultura, têm comportamentos agressivos em relação aos colegas e aos professores, pode-se perceber a falta de limites em relação às atitudes que possam tomar nas brincadeiras, nos jogos, durante os intervalos e em todo o tempo que permanecem na escola, procuram maneiras de desfazer do colega, dos professores e dos funcionários que cuidam da disciplina na escola.

Muitas vezes ao deitarmos, ficamos refletindo sobre certos maus comportamentos que vemos nos alunos e nos seus pais quando chegam à escola para atender a um chamado desta. Concluimos que esses alunos sofrem um trabalho de construção na escola, tudo andando conforme os padrões de ensinamento, comportamento e disciplina segundo a escola, e ao adentrarem suas casas, o choque, a desconstrução, a dúvida: qual é o certo? Qual o errado? É bem mais desconfortável seguir o que é correto, o caminho é mais longo, precisamos focar num objetivo para conseguir, para nos realizarmos, para chegar lá. Diferente dos que optam pelos caminhos descuidados e que levam a vida enganosamente fácil, sem objetivos e com coletas momentâneas de dinheiro, de prazeres de viver essa vida com lucros efêmeros, sem ser uma vida a ser construída. Qual caminho escolher? É certo que tendemos a escolher o mais fácil, mesmo que essa facilidade nos aniquile depois.

Sem orientação e sem disciplina, fica difícil fazer uma boa escolha, e também, precisamos nos reger por bons exemplos. Se não temos em nossa casa ou em nossa família alguém que nos mostre responsabilidade, ética, solidariedade, moral, equilíbrio e respeito aos outros, como poderemos imitar? Temos os nossos ídolos, estes de certa forma, apresentam

algo bom, algo que gostamos e queríamos ter: uma voz, um corpo, a juventude, um gesto e assim por diante, precisamos admirar alguém.

Interessante foram as respostas à sétima questão: Qual a importância do estudo em relação ao mundo de hoje?, 96,08% dos alunos responderam que em relação ao mundo de hoje o estudo é muito importante. Esse reconhecimento do estudo foi justificado com colocações diferentes como:

“O estudo leva as pessoas a ser alguém na vida; sem estudo não se trabalha, não se é nada; com estudo se tem mais chances para construir um futuro; o estudo é muito importante, pois o mundo é dos que estudam; o estudo é a forma mais importante para ter uma vida melhor e equilibrada.”

Apenas dois alunos duvidaram da importância dos estudos em relação ao mundo de hoje, conforme podemos constatar nas seguintes respostas: “No mundo é boa, mas no Brasil é um lixo.”; “Uma coisa muito difícil de acontecer hoje em dia porque a maioria dos jovens não querem mais estudar.”.

É gratificante saber que quase por unanimidade nossos alunos acham que o estudo é muito importante, pois vai levá-los a um futuro melhor e prepará-los, para fazer escolhas que os levarão a uma vida melhor, mais justa e equilibrada.

Nossa próxima pergunta veio ratificar a questão anterior. Você acha que o conhecimento é um instrumento transformador? Para essa pergunta as respostas foram bastante coesas no sentido positivo, 94,12% disseram sim, o conhecimento é um instrumento transformador, 3,92% como se pairasse uma dúvida sobre eles responderam “acho que sim” e 1,96% não respondeu. Analisando as respostas afirmativas, estamos felizes porque os alunos entenderam que o conhecimento transforma não só o pensamento, mas tudo o que o homem puder transformar ao seu redor. Atingiríamos o ideal se as respostas dos alunos fossem unânimes em dizer que o conhecimento é um instrumento transformador, pois esta seria a resposta que nos apontaria um pensamento coerente com a época em que vivemos no sentido em que temos evoluções nas várias áreas e que graças a essa evolução do conhecimento humano temos a cura de várias doenças, temos remédios importantes como os anestésicos, os antibióticos e as vacinas, existem uma avançada tecnologia e muitas opções para fazermos as escolhas.

Para essa amostra de 51 alunos que estão iniciando o 1º ano do ensino médio, perguntamos como eles se viam daqui a cinco anos, 33,3% responderam que estariam numa faculdade, 17,65% afirmaram que estariam formados, 3,92% desses alunos responderam que estariam terminando a faculdade, 5,9% não souberam responder e o restante dos alunos 39,23%, deram respostas bastante diversificadas.

Aqueles que responderam que estariam numa universidade, responderam bem, pois pelo tempo é aí que deveriam está, para os que disseram estar formados, não consideraram o tempo, só a vontade, o desejo, mas não tiveram a coerência entre o tempo de terminar o ensino médio e o tempo de concluir um ensino superior, as coisas não podem ser como num passe de mágica. Em outras respostas que equivalem a 9,8% dos alunos, como vemos transcritas abaixo, não nos faz achar que esses alunos que assim responderam, têm determinação em fazer um curso superior, o desejo deles, pelo que responderam, é tocar a vida tendo um bom emprego ou um emprego qualificado e contam com uma renda para prover a si e ajudar sua família.

“bem de vida”; “um belo futuro”; “Se Deus quiser alguém na vida.”
“Uma profissional”; “Muito bem e com a minha profissão.”; “Casada, com minha casa própria, emprego fixo e muito feliz.”

Na escolha das profissões pela amostra dos alunos, a campeã foi medicina com 15,69% dos alunos, seguida das seguintes profissões: policial e direito, este incluindo advogado, juiz(a) e promotor(a), 11,76% para cada uma, veterinária com 9,8%, professor(a) 7,84% engenharia e enfermagem foram as escolhidas por 5,9% dos alunos para cada uma. A minoria equivalente a 31,35% dos alunos diversificaram muito as respostas, por exemplo: carreira militar, repórter; jornalismo; designer de moda; arquitetura; na área da computação; administração; área policial; acabando a universidade; engenharia; carreira artística; jogador; astronauta.

Todos escolheram as profissões que gostariam de ser, apenas um escreveu como resposta: “não sei ainda”. Essas respostas tão diversificadas somam 39,35% dos alunos. O que podemos dizer em relação a essas respostas, é a não correspondência com o desejo de terminar o ensino superior como sugerem 9,8% das respostas da questão anterior. Para se escolher uma profissão é preciso uma grande afinidade entre o profissional e a profissão, caso contrário, fazer por fazer, torna-se uma grande frustração, assim como não realizar o sonho ou não conseguir implica a mesma frustração.

Quando pedimos para que eles falassem da escola, dos professores e dos colegas, eles o fizeram muito entusiasmados com tudo, pois 70,59% dos alunos gostam da escola, dos professores e dos colegas, o que não aconteceu com 29,41% dos alunos que deram outras respostas com certo descaso, vejamos:

“Eu não gosto muito”; “A minha escola é a pior que tem e meus colegas são tudo deve mental e zumbis (sic)”; “A escola é boa né kkk, bom e os Professores tipo dependi tem uns que são legais mais outros nem tanto, eita o colegas são tudo de bom néh. melhorasse a merenda(sic).”.

Esses 29,41% dos alunos deixam claro que não estão satisfeitos com a escola e essa insatisfação transforma-se em revolta, falta de respeito para com os professores/as, colegas e funcionários/as da escola. No momento, faz mister destacar a resposta dada por aluno/ a pergunta ora tratada, que corrobora nesse entendimento, in verbis: “Os alunos da escola não respeitam o professor e os conhecimento do professor (...)”

O que podemos interpretar através dessa resposta é o desrespeito aos professores durante as aulas, pois estão conversando ou ouvindo música nos fones de ouvido. A outra colocação de não respeitar os conhecimento do professor é uma visão que a aluna teve da desatenção de alguns para com as explicações dos assuntos durante as aulas. Hoje é muito comum certos alunos fazerem descaso de tudo que é planejado para o engrandecimento intelectual deles, só eles não compreendem.

Quando indagados sobre sugestões para melhorar a escola observamos certo desencontro de interesses somando um percentual de 43,15%, pois cada pessoa tem suas prioridades, bem como diferentes formas de ver o que é ou não necessário. Das respostas mais convergentes temos que: 19,61% dos alunos acham por bem reformar a quadra e cobri-la; 11,76% querem que melhore a merenda, 9,8% querem a reforma da escola, pois o prédio é antigo, 7,84% sugeriram colocar ventiladores novos nas salas de aulas, 3,92% pede uma melhoria nos banheiros, inclusive, colocando espelho e 3,92% querem mais limpeza.

Achei interessante porque não só foi citado o aspecto físico do prédio, alguns pensaram em aprender coisas diferentes e também outros aprendizados, se preocupam com o que a vida pode oferecer e querem estar prontos para as oportunidades. Um aluno escreveu que “não tenho nenhuma sugestão”, outro “não sei” e outro “sem comentários”. São os que ainda não estão prontos para emitir opiniões.

Situação semelhante ocorreu quando perguntamos: O que você gostaria que a escola ensinasse, 23,53% escolheu espanhol, 19,61% gostariam que a escola ensinasse dança, 9,8%

querem que a escola ensine teatro, 7,84 querem que a escola ensine informática e 3,2% querem o ensino de música e dança. Por outro lado 35,3% expressaram outros interesses.

Nota-se, no entanto, que em que pese a diversidade dos interesses, os alunos em sua maioria, manifestaram vontade de aprender algo novo, demonstrando querer algo que certamente satisfará ao anseio daqueles que o querem. Por outro lado, encontramos os que demonstram não querer ir muito além na sua formação de conhecimento. Exemplo disto, é o caso aluno/a que responde que quer que a escola ensine a “transar”, ora, as aulas de educação sexual são ministradas durante as aulas de Biologia, portanto não há razão para uma resposta assim, acredito que quem assim respondeu não está bem na escola, e para ele/a, polemizar no momento, é a melhor solução.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Compreendemos a escola ao longo do tempo como o lugar que oferece um conhecimento programado para a construção e evolução do pensamento das pessoas que a buscam, além de ensinar as descobertas de outras épocas, nos ensina o que é inerente ao hodierno, nos orientando para que possamos fazer nossas escolhas e exercer nossa cidadania.

A escola tradicionalista era para poucos, então veio o Capitalismo e as grandes indústrias precisavam da mão-de-obra qualificada para operar, com destreza, as grandiosas máquinas. A partir de então veio a massificação da educação, embora existissem dois tipos de educação: a “não educação“ para os trabalhadores e a educação ministrada à classe privilegiada, àqueles que efetivamente precisavam do conhecimento para criar, transformar algo e gozar do mesmo privilégio que seus pais e avós.

Hoje temos a educação para todos e uma escola em cada canto, e em nossas escolas públicas, vemos também um alto índice de evasão. Isso nos direciona a pensar que nossas escolas pós- modernas e multiculturais precisam preencher uma grande lacuna para fazer-se interessante para aqueles que não veem na escola o seu lugar e, por razões diversas, sentem uma enorme dificuldade de acompanhar suas disciplinas nas séries, excluindo-se da escola e da vida social, irão encontrar dificuldades para sobreviver dignamente.

E por almejar tudo que é permitido somente aos bem postos na vida, estão sujeitos aos engodos e às tramoias da vida.

Segundo Zigmunt Bauman, nesta pós-modernidade vivemos a “liquidez do mundo”, pois as transformações são rápidas o bastante para tornar o mundo líquido, amorfo e individualista. Nesse individualismo as pessoas estão sentindo dificuldade em promover o amor, a amizade e o encontro, tudo é virtual, se diversifica cada vez mais em seus aplicativos.

Segundo Renata Dumont Flecha, Doutora em Educação da Universidade Federal de Minas Gerais. Professora da PUCMINAS e do Centro Universitário Newton Paiva:

...”a internet e o celular, podem ter um efeito de fascínio sobre cada um, pois oferecem uma ilusão de liberdade de escolha, que parece infinita, mas que ,ao mesmo tempo ,demarcam uma ausência de intimidade ,pois o sujeito pode ser localizado a qualquer tempo e em qualquer lugar. Essa ilusão protege o sujeito do medo do encontro, do íntimo e do contato com o outro.”

As novas tecnologias e o celular são desejados por todos, principalmente pelos jovens. Os celulares e smarthphones, pelo mau uso, são hoje um dos grandes problemas das salas de

aulas, pois desviam totalmente a atenção dos alunos, prejudicando-os na assimilação dos conteúdos.

Para os jovens da pós-modernidade, o importante é estar conectado com o tempo e vivê-lo intensamente no seu individualismo, consumismo e liberdade.

As dificuldades das escolas públicas na pós-modernidade é a estagnação e o descaso das autoridades para com elas. Modernizam o aparato de ensino, mas não atualizam as escolas, não investem na formação dos professores/as com ensinamentos que consolidem essa formação e nem os incentivam financeiramente.

Através das mudanças pelas quais passamos na atualidade, nada está neutro tudo muda rapidamente. Mudam os gostos, a forma de aprender, a maneira de nos comunicarmos, mudaram também as fardas escolares, é para exemplificar que o que está em voga na época, reflete na escola.

Após várias leituras e reflexões podemos afirmar que a “desordem” nas salas de aulas é decorrente da “desordem” da pós-modernidade e que somos frutos da época em que vivemos. Temos de descobrir algo novo que faça a diferença, para alcançarmos o maior número de adeptos a uma educação real. Nossos alunos estão desestimulados em relação à escola, embora todos tenham escolhido uma profissão, falta-lhes determinação para chegar a ser um profissional de nível superior. Estão propensos ao imediatismo, a algo que dê uma segurança financeira. Muitos não têm apoio em suas casas para o acompanhamento das suas tarefas diárias, o que vai enfraquecendo o gosto pela educação escolar já que não estão em dia com as matérias, isso causa desinteresse.

Nas escolhas para melhorar a escola eles também pensaram em algo que pudesse favorecer a eles mesmos como: cursinho para concurso, estudar línguas estrangeiras, aulas de teatro e de música, portanto uma melhora efetiva.

Em relação à escola, esta fica longe dos anseios do corpo discente em relação às instalações, no oferecimento da merenda e na limpeza como um todo.

Mesmo sendo apontadas as diversas falhas da escola, a grande maioria, gosta de frequentá-la para encontro com os colegas e se divertirem após as aulas, pois expressaram nas suas respostas que os colegas são legais, portanto a escola é o lugar onde adquirimos conhecimento para exercemos a nossa cidadania, evitando a exclusão escolar e social.

7. REFERÊNCIAS

BAUMAN, Zygmunt: **44 Cartas do Mundo Líquido Moderno**. Trad. Vera Pereira. Ed. Eletrônica. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor Ltda, 2011.

COSTA, Giovânia. Cidadania: **Educação, cidadania, exclusão**. Disponível em: <http://www.educacao_publica.rj.gov.br/biblioteca/cidadania/0065.html>. Acesso em: 2 fev. 2014.

Conceito de Comportamento. Disponível em: <<http://conceito.de/comportamento>>. Acesso em : 2 fev. 2014.

DUBET, François. **A escola e a Exclusão**. trad. Neide Luzia de Rezende. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/cp/n119/n119a02.pdf>>. Acesso em: 2 fev. 2014.

GALVÃO, Roberto Carlos Simões. **Cidadania e Educação no Brasil**. Disponível em: <http://www.histedbr.fae.unicamp.br/revista/edicoes/21/art15_21.pdf>. Acesso em: 27. Jan. 2014.

Exclusão Social. Disponível em: <<http://prof-pat.blogspot.com.br/2009/06/exclusao-social.html>>. Acesso em: 29. Jan. 2014.

FLECHA, Renata Dumont. **Modernidade, contemporaneidade e subjetividade**. Disponível em: <<http://periodicos.pucminas.br/index.php/SapereAude/article/view/2264>>. Acesso em: 2 Fev. 2014 .

FOQUIN, Jean-Claude. **Escola e Cultura: as bases sociais e epistemológicas do conhecimento escolar**, tradução de Guacira Lopes Louro. Porto Alegre: Artes Médicas, 1993.

FREIRE, Paulo. **Educação e Atualidade Brasileira**. 1. reimpressão, 3. Ed.: São Paulo: Cortez; Instituto Paulo Freire 2003. p.21.

HAMZÉ, Amélia. **Os Dois Brasis e a Exclusão Social**. Disponível em: <<http://educador.brasilecola.com/trabalho-docente/dois-brasis-exclusao-social.>>. Acesso em: 29. Jan. 2014.

LIBÂNEO, José Carlos. **Democratização da Escola Pública: A Pedagogia crítico-social dos conteúdos**. 19. Ed.Loyola,1986. Não paginado.

PEREIRA, Patrícia. *GESTÃO ESCOLA, Furtos na escola*. Disponível em: <<http://revistaescolapublica.uol.com.br/textos/33/furtos-na-escola-290875-1.as>>. Acesso em 24 jan. 2014.

PIRES, João Maria. **“Cidadania: quem dos nossos sonhos...além das nossas lutas.”** *Revista Educação em Questão*, v. 12/13 (jul./dez. 2000 – jan./jun 2001), p. 10-17, jul./dez. 2000 – jan./jun 2001, Natal: EDUFRN, 2003.